



Vista do inferno (para auxiliar quem fosse incapaz de visualizá-lo durante os exercícios).

Como o autor encontrou os índios e os jesuítas

Por TERESA RIBEIRO

Um dia, um índio virá. E o que se revelar surpreenderá a todos por ter sempre estado oculto, quando era óbvio. Essa frase poética de Caetano Veloso encerra o livro de Roberto Gambini. Uma frase que combina com a sua história, marcada por desvios radicais. De uma trajetória definida rumo às ciências sociais, Gambini desviou o rumo para a psicologia junguiana: aos 20 e poucos anos ele já era um advogado formado e um emérito cientista político em vias de obter o famigerado título acadêmico máximo, o PhD, na Universidade de Chicago. Alguns poucos anos de conflito depois, ele começou tudo de novo. Hoje, aos 44, ele é facilmente destacado como um dos importantes psicanalistas junguianos do momento. Um resultado dos vários entroncamentos entre sua vida pessoal e profissional está materializado no livro *Espeelho Índio — A Ação Missionária e a Destruição da Alma Indígena* (Espaço & Tempo). Um somatório de filosofia junguiana e antropologia, já que ele analisa a correspondência trocada entre os jesuítas no século XVI. Documentos que sempre foram tratados do ponto de vista literário, histórico ou antropológico, mas nunca psicológico. Um trabalho orientado, na Suíça, por Marie-Louise von Franz, uma das mais importantes discípulas de Jung.

“Em 66, 67, 68, a vida intelectual aqui era fascinante”, relembra Gambini, que naquela época já projetava seu futuro como professor universitário e pesquisador. Lecionava Política na Maria Antônia e dava aulas de Sociologia e Política, de graça, na Universidade de Rio Claro. Ganhou uma bolsa e foi estudar em Chicago. Calaram-lhe nas mãos documentos desconhecidos e inacessíveis no Brasil: a correspondência diplomática alemã e americana no período do Estado Novo. Gambini analisou em profundidade o pano de fundo das decisões e ligações de Getúlio Vargas com o nazismo. Assim, fiel a fatos e documentos, ele analisou e observou a história. Foi seu trabalho de pós-graduação em Chicago, publicado aqui sob o título *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas*. Mal distribuído, o livro continua praticamente desconhecido. O próximo passo seria o PhD, em Chicago, “mas senti internamente que não era isso que eu queria”, conta ele, “e então voltei ao Brasil, em 72, para lecionar na Unicamp, para onde meus amigos estavam voltando, Paulo Sérgio Pinheiros, da França; o antropólogo Antônio Augusto Arantes, da Inglaterra; o sociólogo André Villa Lobos... éramos uma turma de jovens talentosos professores formando a primeira turma da Unicamp, que ainda era pequena e permitia relações intensas entre professores e alunos. Me sentia bem lá e tinha muito sucesso como professor. Eu falava sem censura para alunos ávidos por entender o Brasil. Os alunos procuravam-me para discutir também suas questões existenciais particulares. Aquilo foi o embrião do que hoje é o meu consultório”.

Naquele momento altamente favorável no ambiente acadêmico, Gambini começou a sentir

novamente um inexplicável desconforto interno. Afastou-se da universidade, em 73 começou a fazer terapia junguiana e desligou-se definitivamente da universidade. “Onde vou exercer um papel útil à sociedade, onde usar o que aprendi?” Era a pergunta que Gambini se fazia. Destituído da vida intelectual e começou a trabalhar como sociólogo na Secretaria do Bem-Estar Social, num trabalho de estudo e cadastramento de favelas. O desconforto continuava. Depois, passou para a Secretaria do Planejamento Estadual, montando esquema de oferta e demanda de mão-de-obra/construção civil. Depois, Preservação do Patrimônio Ambiental Urbano, num projeto de preservar coisas não monumentais, como a praça do bairro, por exemplo. Três experiências que levaram Gambini a continuar frustrado e concluir que no âmbito do serviço público só é possível elaborar documentos, jamais efetivar projetos.

“Em 1977 descobri que queria ser terapeuta, porque o mais forte é minha ligação com o sofrimento das pessoas e o melhor de mim é a capacidade de trabalhar com isso”, explica Gambini. Aos 33 anos, já casado com Fátima, assistente social, também descontente com a profissão. (Hoje, ambos dividem o mesmo consultório). Ele e Fátima resolveram estudar no melhor lugar, o Instituto Jung de Zurique, o único centro de formação realmente fiel à proposta de Jung. Mas para isso era preciso uma bolsa de estudos e, portanto, um projeto de pesquisa, mas como elaborar um projeto sobre uma área absolutamente desconhecida? Certo dia, Gambini foi fazer um trabalho externo para o projeto de preservação do patrimônio e, tarde livre pela frente, caminhando a esmo (velho hábito) pelo centro da cidade, parou no Pátio do Colégio. Ali, onde a cidade começou. Imaginou a cena dos jesuítas, quando fundaram a primeira escola para ensinar o menino índio... Desejou visitar um museu, mas estava em reformas. Só havia ali uma banquinha de livros. Ele comprou três volumes de cartas dos primeiros jesuítas no Brasil. Sentado no ônibus, de volta para casa, percebeu que queria juntar o seu lado de cientista social com o de futuro analista junguiano. “Lembra que minha tese de mestrado também foi sobre cartas? Eu queria ler as entrelinhas das cartas.” E começou a pensar sobre isso. Lembrou depois do sonho que um índio Terena lhe contou, em 78, durante uma pesquisa de campo com a antropóloga Carmem Junqueira, no Posto Indígena de Araribá, São Paulo. O índio lhe disse: “Fui até o velho cemitério guarani na reserva e lá vi uma grande cruz. Uns homens brancos chegaram e me pregaram na cruz de cabeça para baixo. Eles foram embora e eu fiquei desesperado. Acordei com muito medo”. É com esse relato que Roberto Gambini abre o seu livro. “Minha tese”, diz ele, “é uma grande interpretação desse sonho, porque o sonho dele é arquetípico, retrata uma situação coletiva, síntese de um grande problema”. Importante, porque é um estudo sobre o nascedouro da sociedade brasileira.

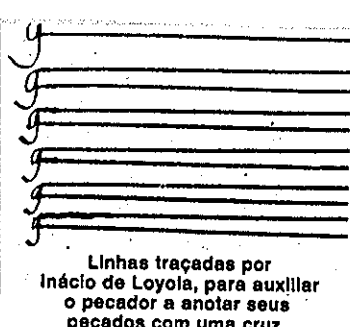
Em uma leitura sócio-junguiana de cartas e documentos da época da colonização brasileira, Roberto Gambini fala da nação indígena sob catequese. Ou, como diz no subtítulo do seu livro, da ação dos “jesuítas” e da “destruição da alma indígena”. *Espeelho Índio* será lançado hoje, a partir das 12 horas, na Livraria Zipak (al. Lorena, 1.430).



Corpo assado no moquém



Tomé de Souza, em Salvador (1549).



Linhas traçadas por Inácio de Loyola, para auxiliar o pecador a anotar seus pecados com uma cruz.



O diabo em ação, castigando os índios.

Toda idéia do mal

Por BETTY MINDLIN

Apresentar o etnocentrismo sob o ângulo inteiramente novo das imagens interiores só seria possível para um antropólogo e também analista junguiano, como Roberto Gambini. Baseando-se em material histórico — as Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil, editadas pelo padre Serafim Leite — lida com o que foi a experiência vivida pelos jesuítas, e sua descrição do Brasil em meados do século XVI.

O instrumental de fundo do autor é o fenômeno da projeção, segundo Freud e Jung. Gambini mostra como, para Freud, as projeções seriam uma distorção ou falsa percepção da realidade, por causa de desejos inconscientes reprimidos. Para Jung, afirma ele, a projeção, um conceito muito menos acabado, poderia ter um papel positivo no conhecimento, pois seria uma forma concreta pela qual tudo o que é desconhecido na psique poderia manifestar-se, como num espelho. Desde que assimilada gradualmente pela consciência, a projeção poderia avançar e ser um estímulo para a observação do outro e do que está fora, distinguindo o que é nosso do que não é.

Intrigado, como diz, “pela idéia kantiana de que moldamos a realidade no próprio ato de conhecê-la” — o problema epistemológico da subjetividade na ciência —, Gambini examina como as projeções afetam o conhecimento.

No caso dos jesuítas, as projeções estão na raiz de um etnocentrismo que os impediu de entenderem o mundo indígena, e os fez atribuírem aos índios todo o mal e crueldade dos conquistadores. Estes, os homens de seu próprio povo, eram os verdadeiros culpados e a eles os jesuítas deveriam ter denunciado como pecadores e assassinos.

Os jesuítas vinham ao Brasil com o ideal de catequese e conversão — e não poderiam julgar nada mais propício à sua obra de persuasão que o desconhecimento e o papel em branco representado pelos índios. Para essa tarefa de vida impunham-se uma rígida disciplina de comportamento e meditação, em que todo o suposto pecado ou mesmo pensamentos inconvenientes deveriam ser reprimidos. Era uma norma de conduta impossível de seguir, e acabavam por projetar

sobre os índios toda a idéia do mal que não conseguiam controlar em si mesmos. Ver os índios ou as mulheres índias como criaturas do diabo (uma iconografia que aparece em muitos cronistas); ou os pajés, que eram os que mais lhes resistiam, como feiticeiros das trevas; ou perturbar-se com a nudez dos índios; ou, ainda, ver no ritual da antropofagia o crime mais atroz, que justificaria a condenação dos índios ao domínio do inferno, são uns tantos exemplos. Quanto à antropofagia, nota Gambini, é curioso que os jesuítas não percebessem a analogia com a missa, onde o tema do canibalismo aparece como crença, quando o sacerdote bebe o sangue de Cristo e faz os fiéis comerem a sua carne.

O interessante, no livro, é seguir esse processo, e como os jesuítas vão se afastando de seus ideais. Inicialmente empenhados em combater a escravidão dos índios, em denunciar os massacres pelos colonos, acabam por identificar-se com as idéias do poder e da coroa. Até mesmo Nóbrega termina um velho desencanto, tendo desistido de defender os índios. O voto de pobreza é abandonado aos poucos — afirmam ter necessidade de alguns escravos para impor-se na colônia e ter tempo de pregar. É verdade que, por estar falando apenas do Brasil, Gambini não menciona vozes corajosas e isoladas como a de Bartolomé de Las Casas (aliás dominicano), que denunciaram os horrores da colonização e bradaram pelo direito dos índios.

O resultado a que chegaram os jesuítas é a verdadeira destruição da alma indígena — em vez de livrá-los do mal — ao mesmo tempo que colaboraram para o seu extermínio físico. As suas imagens e projeções sobre o índio, examinadas após quatro séculos, nos põem em confronto com o lado escuro, não explícito, da psique. É a sombra do homem na cultura ocidental, que hoje, como há 400 anos — mesmo que sob formas não exatamente iguais às de então —, o impede de enxergar o outro e o leva a arrasar tudo o que é diferente.

Gambini acaba o livro interpretando um sonho que foi o seu ponto de partida. Um índio Terena do Araribá, em São Paulo, contou-lhe

um sonho em que era crucificado pelos brancos, de cabeça para baixo, no cemitério da aldeia. Para os índios, símbolo do genocídio que sofreram e do desejo de voltar para a terra, para a alma ancestral? E para os não índios, pergunta Gambini, a esperança, pelos menos, de um novo lugar para o índio, na psique e na história da humanidade?

Abrem-se com este trabalho portas para muitas pesquisas futuras. Por exemplo, com que projeções nós, pesquisadores contemporâneos, chegamos aos índios? Que projeções fazem eles da nossa sociedade? Ou quais as projeções dos missionários ainda hoje — dias em que, ao contrário dos jesuítas, grande parte dos adeptos da Igreja se volta contra o Mal que ameaça os índios, contra os mecanismos de poder econômico e político; mas o que restou ou como se transformou a antiga e fortíssima moral maniqueísta?

O trabalho interdisciplinar que é o *Espeelho Índio* é o resultado da trajetória especial de Gambini. Quando chegou aos índios, já era um Marco Polo das aventuras por diferentes ciências sociais. Estudou direito, ciência política; foi professor da Faculdade de Filosofia da USP, da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo e da Universidade de Campinas; e, depois de uma experiência com índios boias-frias de São Paulo, fez este estudo no Instituto C.G. Jung de Zurique, como tese de doutoramento para tornar-se terapeuta. Já experimentando no novo ofício, voltou aos índios, dessa vez com um grupo de contato recente, os Zoró, em Mato Grosso.

Cabe lembrar também que, embora com um vórtice peculiar, Gambini teve pelo menos três guias espirituais importantes: A orientadora dessa tese foi Marie-Louise von Franz, autora de livros fascinantes sobre a psicologia dos mitos e contos de fadas. Aos índios, Gambini foi levado por Carmen Junqueira, pesquisadora do Xingu e do Aripuanã. E sobre religião e outros assuntos, deve ter conversado muito com um pensador que tanta falta nos faz hoje, Cândido Procopio.

✎

A autora é antropóloga.

O que não pode ser

Por RUY FONTANA LOPEZ

O *Espeelho Índio*, do analista junguiano Roberto Gambini, é um livro que mergulha profunda e corajosamente em nossa história cultural para responder à triste pergunta de uma índia aldeada de nossos dias: “Antes a gente não tinha nada e era rico. Agora nós temos essas casas e somos pobres. Por quê?” Para o autor, o sonho dos missionários jesuítas do século XVI “se faz realidade nas reservas indígenas de hoje: casinhas de madeira enfileiradas do modo mais artificial, obrigando os moradores a um insensato ir-e-vir, ao longo de uma impositiva linha reta que nada tem a ver com sociabilidade. Uma rua descabida no meio do mato. (...) Destituídos de sua riqueza — sua identidade cultural e seu território —, os índios viraram pedintes”. (p. 195).

O objetivo central do trabalho de Roberto Gambini é compreender o papel da projeção, no sentido psicológico do termo, no contato inicial entre dois tipos muito diferentes de homens. Jung e seus seguidores — sobretudo Marie-Louise von Franz, orientadora do autor neste trabalho apresentado como tese de doutoramento em Zurique — construíram uma respeitável tradição analítica no estudo de mitologias e culturas como expressão do mundo da psique objetiva. O *Espeelho Índio* inscreve-se nessa linha de investigação.

Analisando um conjunto de cerca de duzentas cartas escritas por missionários da Companhia de Jesus, entre 1549 e 1563, nas quais retratam a nova terra, seus habitantes e a catequese, Roberto Gambini elaborou um impecável ensaio sobre o conceito de projeção em psicologia analítica e escreveu um livro de amplo interesse cultural.

Do ponto de vista psicológico, o texto de Roberto Gambini mostra uma harmoniosa conjugação de rigor científico-metodológico, clareza de exposição e paixão pelos homens que estuda e quer compreender. Essas três qualidades, tão essenciais ao trabalho analítico, estão presentes em cada página de seu livro.

O conceito de projeção, a pedra angular de O *Espeelho Índio*, é meticulosamente reconstruído na primeira parte do livro. Sem deixar de lado a contribuição dos textos clássicos de Freud sobre o assunto, Roberto Gambini privilegia, porque é esta sua matriz teórica, o modo como o mecanismo de projeção foi abordado na obra de Carl Gustav Jung.

Aqui, o autor revela-se um profundo conhecedor da obra do mestre: de seus textos mais divulgados (como *Tipos Psicológicos e Psicologia e Religião*), passando por trabalhos pouco lidos ou de difícil penetração (como *Psicologia e Alquimia*, *Alion e Freud* e *Psicanálise*), até a consulta a documentos de circulação restrita (como os *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*). Gambini empreende uma revisão minuciosa e extensiva do conceito de projeção na obra de Jung. Nesse sentido, a primeira parte do livro, por si só, já mereceria publicação.

Contudo, o esforço teórico está a serviço da compreensão da realidade empírica: dessa maneira vemos a teoria em ação na segunda e mais longa parte de O *Espeelho Índio*. Seu argumento nuclear poderia ser sintetizado da seguinte maneira: no processo de catequização e conversão dos índios brasileiros, os missionários — representantes e soldados de uma ordem estranha ao Novo Mundo descoberto — projetaram na população nativa os conteúdos psíquicos sombrios de sua consciência unilateral e

inflada. Assim, o índio, aos olhos do homem europeu civilizado e cristão do século XVI, foi vivido como “aquilo que não pode ser”, como representação da sombra, perigosa e letal, do conquistador. Incapaz de confrontar-se com a realidade subterrânea de sua psique, o colonizador projeta no habitante do Novo Mundo o que não cabe dentro de si mesmo.

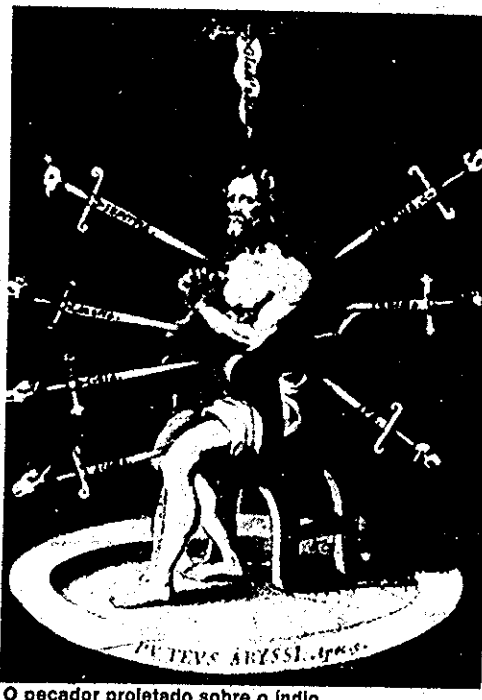
A análise detalhada e implacável das cartas jesuítas do discurso vivo e pessoal de missionários como Nóbrega e Anchieta faz emergir as feridas psicológicas que estão na raiz de nossa formação cultural. O texto procede mediante uma sucessão de retratos, sempre baseados na correspondência dos religiosos. Primeiro, o auto-retrato dos jesuítas, onde a interpretação dos “Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola”, patriarca da Ordem, esclarece a dimensão e a virulência da sombra prestes a ser projetada. Em seguida, o retrato dos índios pelos jesuítas, onde o homem desconhecido é o Novo Mundo emergem como os continentes em que se acomodaria a sombra de que o colonizador precisava desvencilhar-se. Finalmente, a análise dos índios como seres jamais tocados pela luz e do processo de conversão dos nativos demonstra o processo de destruição da alma indígena, por missionários, que se diziam interessados em salvá-la para o bem de Cristo.

Em sua interpretação, Roberto Gambini transita com absoluta desenvoltura pelos textos psicológicos, pela documentação histórica, pelo material religioso a que recorre e pela iconografia do Brasil do século XVI reproduzida no livro, permitindo-se até mesmo identificar, nas cartas de Nóbrega, os atos falhos pelos quais os padres, episodicamente, transformavam os índios em verdadeiros cristãos e os jesuítas em homens distantes da legítima fé.

Analisando material antigo, Roberto Gambini nos coloca uma questão completamente atual: toda nova descoberta — de uma região inconsciente ou de um mundo desconhecido — constela projeções de toda sorte. Só o trabalho analítico rigoroso e verdadeiro, que nos devolve a responsabilidade ética pelo desconhecido que descobrimos, pode assegurar que os homens de hoje não repitam os crimes do passado. Nesse sentido, O *Espeelho Índio* é ao mesmo tempo uma lição e um alerta.

✎

O autor é analista junguiano.



O pecador projetado sobre o índio